



A velocidade da mudança na nova economia “mete medo”

Debate Manuel Carvalho

Para António Mota e António Murta, importante é a distinção entre as boas e as más empresas

Pela primeira vez na História, António Murta, da Pathena, olha para as transformações promovidas pela economia digital e do conhecimento e sente “medo”. Murta, um engenheiro formado em engenharia de sistemas, tem um longo currículo na economia inspirada da “destruição criativa”, mas essa “economia mutante” está a evoluir a um ritmo tão intenso e a seguir um caminho tão arriscado que põe em causa o “equilíbrio social”.

No último debate do ciclo Olhares Cruzados com António Mota, *chairman* da Mota Engil, organizado pelo PÚBLICO e pela Universidade Católica para discutir a relação da nova economia com a economia tradicional, António Murta expôs os seus receios: a mudança em curso é uma “Revolução Francesa”, que está a gerar monstros monopolistas como a Google, que se baseia em velocidades de mudança capazes de criar milionários em quatro meses, quando para lá chegar John Rockfeller demorou 27 anos, e que, principalmente, ameaça “dizimar postos de trabalho”.

António Mota, um engenheiro proveniente de uma família que construiu um dos maiores gigantes da construção em Portugal, olha para

esse mundo mutante com surpresa, abertura mas, igualmente, com receio.

Para ele, a distinção entre nova e velha economia faz pouco sentido – “o que há são boas empresas e más empresas”, nota, deixando subentendido que a inovação e o conhecimento são condições implícitas à afirmação das boas. O seu grupo não dispensa a novidade da tecnologia nem a “excelência da engenharia portuguesa”. Mas Mota gosta mais de visitar obras pelo mundo fora, gosta de conservar os trabalhadores no quadro das suas empresas, não acredita no sucesso de países que descartam a produção de bens físicos (a velha economia) e assustase quando constata que, no mundo actual, a esperança média de vida de uma empresa é de apenas 12 anos.

O papel das pessoas neste admirável mundo novo foi um dos principais focos da atenção dos oradores do debate moderado por David Dinis, director do PÚBLICO. António Murta, habitado a ter um pé na tecnologia e outro na gestão, que foi consultor e é hoje o homem forte do Pathena, um fundo de investimento em empresas da nova geração, considera que no futuro próximo os trabalhadores vão necessitar de desenvolver “quatro ou cinco competências para depois poderem vender uma ou outra”. Os tempos em que os pais perguntavam aos filhos “o que queres ser quando fores grande?” acabou no momento em que saberes adquiridos se desactualizam de um dia para o outro.

manuel.carvalho@publico.pt



António Mota e António Murta no debate do ciclo Olhares Cruzados